

# limpa

juno dawson

Tradução de Fernanda Semedo



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## Nota da Autora

*Limpa* é uma obra de ficção, mas lida com muitos temas reais e sensíveis, como a saúde mental, os distúrbios alimentares, a automutilação e as dependências.

No final do livro, podem ser encontrados *links* para aconselhamento e apoio.



*Dedicado a todos os que já caíram  
e tornaram a levantar-se.*



PASSO 1

**ADMITO QUE TENHO UM PROBLEMA**



De cara para baixo, sobre couro. Cheiro de carro novo. Ambientador de pinho.

Não consigo mexer-me.

Estou a ser raptada.

Mas não consigo mexer-me.

Parece que os meus braços e pernas foram desossados, balançam como enguias de gelatina. Tenho vomitado ou baba seca no queixo e na bochecha.

Com grande esforço, descolo a cara do assento.

Os meus lábios e a minha língua estão secos como giz. Abro os olhos e a ofuscante luz do Sol fá-los quase sair das órbitas. Dói.

Fecho-os, mas antes tenho um vislumbre do Nikolai. Deste ângulo, apenas lhe vejo a nuca; o cabelo rapado dos lados e as mãos no volante. Reconheço o seu *Rolex*.

Não compreendo o que está a acontecer.

Onde estou?

Onde *estava*?

Rebobino a noite passada. A última coisa de que me lembro é de estar no hotel. Pois, era isso. Estávamos numa *penthouse*. Deram-me a chave na receção. Eu, o Kurt, o Baggy e aquela rapariga. A festa da Semana da Moda... o bar... saímos do bar para apanhar uma moca.

Oh, sim. A *chaise longue* azul. Uma agulha.

Merda.

Isto é uma *overdose*?

Não me lembro de nada depois de a droga bater. Passo uma mão



trémula pelo corpo e percebo que ainda estou com o vestido cinza *Miu Miu* que usei na noite passada. Estou tapada com uma manta escocesa áspera.

Estou descalça.

— Nik? — gemo. Parece que tenho arame farpado na garganta.

— Está tudo bem, Lexi. Vou arranjar-te ajuda.

Desculpa?

Foda-se, não acredito, uma intervenção familiar.

Começo a protestar, mas os meus olhos pegam novamente fogo. Fecho-os e deixo a escuridão envolver-me como um rolo de sushi.

Não posso dormir agora.

Tenho de acordar.

Arrasto-me para fora da minha confusão mental, de volta ao carro. Começo a ressarcar a grande velocidade, toda dobrada e arqueada. Estou fria e a minha pele tem escamas. Normalmente isto passa-me depois de dormir, ou então consumo um pouco mais, para aliviar. Um comprimido também resulta. *Oxy* ou *Vicodin* ou *Tramadol* ou *Diazepam*. O que estiver à mão.

Uma voz de homem. Não é a do Nikolai.

— Ela está bem, amigo?

— Tomou um comprimido para dormir — responde o Nik. — Vai estar inconsciente por algum tempo.

Onde estamos? Tento virar-me, mas não consigo. Sinto o cheiro do mar: profundezas marinhas, ar salgado, algas. As gaivotas guincham como demónios malditos. Calem-se, filhas da puta voadoras. Tenho a cabeça a latejar. Desidratada. Mumificada.

Aonde é que ele me leva? À praia? Há quanto tempo estamos metidos no carro? Porque há luz lá fora? Quanto tempo estive inconsciente? Onde está o Kurt? As perguntas gritam mais alto que as gaivotas. Talvez este homem me possa salvar. Vou dizer-lhe que estou a ser raptada. Digo-lhe que fui violada.

— Ajude-me... — murmuro. Tenho os lábios a escamar, a minha língua parece camurça e não consigo mais do que um murmúrio. — Ajude-me... — tento novamente.

— É minha irmã — diz o Nikolai alto, abafando a minha voz. — Está de ressaca. Precisa dos nossos passaportes? Claro, aqui tem.

O *BMW* arranca e salta ao passar sobre uma lombaa.

— Nik... Nik... aonde vamos?

Ele lança-me um olhar por cima do ombro.

— Vais ficar bem. Tenta descansar.

Lembro-me de me deitar na *chaise*. Lembro-me do Kurt a deslizar a agulha no meu braço. Obviamente, nunca sou eu própria a fazê-lo — isso seria perigoso. Lembro-me de olhar pela janela e ver todas as luzes, todas as minúsculas luzes de Londres. Âmbar e dourado e brilhante. Barcos no Tamisa, faróis de carros, o Shard no horizonte. Ficou tudo enevoado, tudo eram pirilampos.

Pirilampos.

Sonho com pirilampos.

Pneus derrapam sobre gravilha. O sono não me ajudou. Sinto-me como se tivesse sido raspada por dentro com anzóis. Os meus dentes estão esponjosos; porosos.

A porta do carro abre-se e o Nikolai sai. Ouço passos que se aproximam. Muitos passos.

Onde quer que estejamos, chegámos.

*Onde está o Kurt?*

Com grande esforço, consigo levantar-me, segurando-me ao puxador da porta e ao rebordo da janela traseira. Ainda está ofuscantemente claro. Oh, vejo que o Nik se lembrou dos seus *Ray-Bans*, mas não trouxe nenhuns para mim. Preciso do meu telemóvel. Examino o banco de trás em busca da mala, mas lembro-me que o telefone estava ligado aos altifalantes na *penthouse*. Ainda lá deve estar.

Merda.

Pestanejo. O Nik aperta a mão a um homem super-alto e com barba. É como se fosse «o irmão mais bonito do Hagrid», do Harry Potter. *Blazer*, colarinho aberto, sem gravata. Está acompanhado de duas enfermeiras com uniformes brancos, futuristas e engomados.

A merda acabou de ficar realmente real. Oh, caramba. Ele já me tinha ameaçado — *Lex, precisas de ajuda* —, mas pensei sempre que não falava a sério. Porém, está mesmo a fazê-lo. Estou num hospital.

Estou em *reabilitação*.

Nem. Pensar.

Com o vestido em torno das ancas, deslizo entre os bancos do passageiro e do condutor e sento-me ao volante, procurando a ignição. Ele levou a chave. Merda. Terei de correr. Seguro o puxador da porta, mas o meu equilíbrio está abalado. Uma brisa sopra a porta quando a entreabro, abrindo-a completamente, e tomo no asfalto. Baixo as mãos para amortecer a queda e sinto a gravilha enterrar-se nelas como pregos.

— Lexi, espera! Tem cuidado — diz o Nikolai.

Corpos e sombras negras circundam-me. Mãos estendem-se para mim, dedos tocam-me o rosto. Sacudo os braços como um moinho de vento avariado, tentando enxotá-los.

— Vamos levá-la para dentro, está bem? — diz o Dr. McBarba.

— Não! — grito. O meu botão do volume avariou. Grito a plenos pulmões e o grito ecoa no jardim.

Espreito através da selva de pernas e vejo que estamos numa longa

rampa de acesso que conduz a uma soberba mansão rural. Como a merda de Downton Abbey. Está gasta pelos elementos, cinzenta e manchada; parcialmente coberta de hera. A entrada principal é flanqueada por magníficas colunas. Deve haver hectares e hectares de terrenos — tudo o que consigo ver por quilómetros em redor é um relvado verde e aparado, rodeado por uma floresta luxuriante.

Arrastam-me até me levantarem, mas a gravilha magoa-me os pés descalços.

— Au! — Uivo como se estivesse a morrer, embora não me doa assim tanto. As enfermeiras levam-me, meio ao colo, meio de rastos, na direção da casa. — Nik! Por favor!

Viro-me e encaro-o, os olhos tão grandes e inocentes quanto consigo. Irmãzinha Lexi. Pequena e doce Lexi. Protege-a, ela é uma menina, uma bonequinha de porcelana.

— Desculpa, Lexi. Tu precisas de ajuda. — Não me olha nos olhos.

— Vamos todos conversar no meu gabinete — diz o Dr. McBarba num tom apaziguador. Eu estou longe de estar apaziguada. Não posso entrar em reabilitação — sobretudo porque dentro de umas quatro horas vou *mesmo* precisar de uma dose. Começo a pontapear e a bater e, quando isso não resulta, amoleço como um miúdo birrento no corredor do supermercado. As enfermeiras, que devem emborcar batidos de proteína, levantam-me com uma técnica assombrosa que aprenderam no Campo de Enfermagem do Exército.

— Ponham-me no chão, suas conas! — grito. — Larguem-me!

Elas ignoram-me, por isso começo a gritar CONAS sem parar, porque é a pior palavra que conheço.

Estou sentada no gabinete do McBarba, com os joelhos levantados até ao queixo, numa macia cadeira de couro. Não há dúvida de que o peito do meu vestido está vomitado. Ele dá-me uma garrafa de *Evian* e dou um gole.

Ajuda a tirar a podridão da boca.

Digo-vos o que seria melhor do que água mineral: heroína.

O Nikolai senta-se, cabisbaixo, ao meu lado.

— Estás bem? — pergunta, baixinho.

— Vai-te foder.

— Fez o que estava certo, Sr. Volkov — diz o McBarba, sentando-se do outro lado de uma robusta secretária de castanheiro. O mobiliário tenta vigorosamente parecer masculino, e pergunto-me se o médico estará a tentar compensar um pénis minúsculo.

— Prazer em conhecê-la, Lexi.

— Vá-se. Foder.

O médico tem a audácia arrogante de *sorrir* e enrolar as mãos em torno de uma caneca de café escuro.

— Decerto que tem muitas perguntas, menina Volkov.

— Só uma: importa-se de se ir foder e me deixar sair daqui?

— Na verdade, isso são duas perguntas, e não, receio não poder fazê-lo. Pelo menos, para já. Isto não é uma prisão e a menina não foi internada. É livre para partir, mas espero que fique. — Vou para protestar, mas ele continua. — Deixe-me atualizá-la. Chamo-me Isaac Goldstein e sou o diretor do Clarity Centre.

— É de reabilitação, não é?

— É um centro de tratamento residencial.

— Reabilitação.

— Se assim quiser chamar-lhe.

— Lexi — interrompe o Nik. — É o melhor, está bem? O melhor dos melhores.

— Oh, a sério? — digo, virando-me de novo para o Goldstein. — Quem foi a pessoa mais famosa que já esteve aqui?

— A nossa reputação baseia-se na discricção, menina Volkov.

Tão discretos, que nunca ouvi falar deles. O Nik podia, ao menos, ter-me levado ao Priory.

— Uma Kardashian? Khloé? Kylie?

O Dr. Goldstein ignora-me.

— Não me interprete mal: não somos um hotel, mas temos instalações

de primeira classe: quartos luxuosos e *villas*, piscinas aquecidas no interior e no exterior, ginásio, tratamentos de *spa* e *chefs* de restaurantes com estrelas Michelin. Será muito bem tratada durante a sua recuperação.

Boa tentativa. *Recuperação* é a palavra-chave.

— Mas continua a ser reabilitação. Tipo, pode-se ao menos beber uma vodca tônica?

— Claro que não.

— C'um caraças. Posso fumar aqui? Tem um cigarro?

— Sim, fumar é permitido. Mas não tenho cigarros.

Nik tira um do bolso e acendo-o. Caramba, estou melhor. Chupo-o quase até ao filtro numa passa ávida, até perceber que o Nikolai me olha com um misto de horror, piedade e repugnância. É o género de olhar que se pode dirigir a um sem-abrigo a comer do contentor do lixo.

— Que é?

— Pensei que estavas morta, Lexi. — Os seus olhos brilham como *Krispy Kremes*.

— Ora! Somos todos maiores e vacinados. Já podemos ir para casa?

— Não. — Limpa os olhos com um lenço de papel. — Não te levo daqui.

Reviro os olhos.

— Tudo bem. Telefono ao Kurt para me vir buscar.

— O Clarity Centre fica numa ilha particular ao largo da costa sul — diz o Goldstein. Isso explica o cheiro a mar. — Somos um centro de tratamento com muito sucesso, menina Volkov, e não deixamos qualquer um entrar no *ferry* — todos os veículos que fazem a travessia precisam de uma autorização. Podemos, naturalmente, restringir o acesso — por razões óbvias, temos de ser muito cuidadosos com quem deixamos entrar na ilha.

— *Tem* de estar a brincar. Como é que isto não é uma prisão?

— Já lhe disse, pode partir quando quiser.

— Como? A nado? — Viro-me para o Nik. — Isto é uma loucura, Nik, não posso ficar aqui. — Empurro a cadeira e encaminho-me para a porta. — Vamos.

— Foi o Kurt que me telefonou — diz o Nik, e eu paro. — Eles pensaram que tinhas tido uma *overdose*. Quando cheguei à *penthouse*, estavas azul, Lexi. Os teus lábios estavam azuis como o raio. — Procura no bolso e tira o meu telefone. Ele trouxe-o! Mas fá-lo deslizar por cima da secretária, para o Goldstein.

— Eh!

— Podemos guardar isto, por agora — diz o Goldstein, metendo-o na gaveta.

— Não pode fazer isso! Conheço os meus direitos!

— É um procedimento habitual.

Baixo-me ao lado da cadeira do Nik. Se partirmos agora, podemos estar em Londres antes de a ressaca se tornar mesmo má.

— Ouve, Nikolai. O meu consumo é totalmente recreativo... não é nada de especial.

— Ouves as tuas próprias palavras? Achei que as coisas estavam a ficar descontroladas quando eram comprimidos e cocaína. Mas *heroína*? Lexi, as pessoas não consomem heroína recreativamente!

— Claro que consomem! Por isso é que não me aguentei. Quase nunca uso. Foi só para me divertir um pouco, juro. Não sou viciada! Pareço-te uma agarrada?

O meu irmão arregala os olhos. Outra lágrima rola. Ele fica silencioso por um momento.

— Sim — acaba por responder. — Pareces-me, sem sombra de dúvida, uma agarrada.

Perdi-o. Não há nada que possa dizer. Estou por minha conta. Dirijo-me à porta e sacudo o puxador. Está trancada.

— Deixa-me sair! Deixa-me sair imediatamente, caralho gordo!

— Sente-se, por favor, menina Volkov.

— Acalma-te, Lexi. Ficas aqui e acabou.

— Não podes obrigar-me!

O Nik põe-se de pé, com as mãos nas ancas.

— Bem, não vais comigo e os teus amigos suspeitos não poderão apanhar o *ferry*, por isso creio que terás de pedir ao pai que venha buscar-te. E nessa altura poderás explicar-lhe porque te trouxe aqui.

Isso detém-me. O pai matava-me. Ou, pior, cancelava-me os cartões de crédito.

— Não vais fazer isso.

— Claro que vou. Isto acaba aqui. Não continuarei a encobrir-te. Tirei fotografias da noite passada, Lexi. Ou ficas aqui, ou mostro ao pai a sua princesinha coberta de vomitado, com um trilha de marcas no braço.

Grito e grito e grito. Tenho a visão toldada de vermelho. Viro uma estante. Atiro um monte de merdas da secretária do médico para o chão. Tento lançar uma poltrona pela janela, mas é demasiado pesada para mim e só faço figura de parva.

Dois tipos robustos, com os mesmos uniformes brancos engomados, entram no gabinete e param, um de cada lado, aguardando instruções do Goldstein. No meio do caos que estou a criar, este permanece irritantemente calmo.

— Sr. Volkov, como a Lexi é menor de 18 anos e o senhor é um familiar próximo e adulto, pode autorizar-nos a sedá-la, se for necessário.

— Não te atrevas! — grito. — Não podes fazer isso!

— Façam o que for necessário — diz o Nikolai, sem hesitação.

Os enfermeiros avançam para mim e eu encolho-me, como um animal encurralado, na confusão que criei. Um deles abre a tampa de uma agulha. Por estranho que pareça, a visão da agulha hipodérmica acalma-me por momentos, até perceber que não é uma dose. No entanto, se há uma coisa que aprendi, é que uma droga é uma droga. Deve ser um calmante, portanto vai aliviar-me, mas isso significa que terei de permanecer neste buraco do inferno. Dilema. Eles aproximam-se mais. O meu tempo está a esgotar-se. Tenho de decidir. E escolho ficar consciente.

— Caramba, como queiram. Não precisam de me sedar. Reparem! Estou calma. Estou Zen. Eu apanho os livros. Caraças!

O enfermeiro detém-se. Por agora, vou cooperar. Preciso de tempo para engendrar um plano. Não posso permitir que o pai me corte o dinheiro. Vou fazer-me de boazinha e sairei da Ilha da Reabilitação quando compreenderem que isto não passa de um erro tremendo e reconhecerem que não sou o raio da Amy Winehouse.

Faço uma tentativa para levantar a estante, mas é realmente pesada.

— Não é preciso, menina Volkov. Vou pedir a alguém que arrume o gabinete — diz o Goldstein. — Agora temos de nos despedir do seu irmão e instalá-la na sua suite.

— Tenho de ir? — pergunta o Nikolai. — Já?

— Acho que é o melhor.

O Nikolai vai à casa de banho antes de voltarmos para o seu carro. Estou embrulhada num cobertor e deram-me umas sapatilhas brancas, novas, para os meus pés descalços. O Goldstein e um dos enfermeiros vão sempre atrás de nós.

— Tenho de ir a Heathrow buscar a Tabitha, mas vou pedir a alguém do hotel que envie algumas roupas e outras coisas — diz ele. Tento lembrar-me onde é que a namorada do meu irmão esteve desta vez. Milão? Ela é estagiária na *Tatler*. — Vou garantir que sejam discretos.

Enrolo os braços em volta do corpo e parece mesmo que estou a



segurar o meu esqueleto em formação. Estou a desfazer-me pelas costuras, mas não lho posso mostrar. Os drogados chamariam a isto ressacar, mas não sou uma drogada, por isso não lhe chamo nada.

— Nik, isto é uma loucura — digo-lhe, fazendo a minha voz *Sunny Delight*. — Como se eu precisasse de estar aqui. Ouve, se me levares para casa, juro que nunca mais meto castanha, nem *Oxy* nem *Vicodin*. *Prometo*. E vou ao terapeuta duas vezes por semana, como uma boa menina.

Vejo a sua resolução abalada, apenas por um segundo, e depois ele abana a cabeça.

— Não, Lexi. Precisas de te afastar dos teus amigos de merda. Ouve... Eu acho mesmo que este sítio é o melhor. Faz uma tentativa. Por favor?

— Nik... Não posso ficar aqui!

— São só alguns meses, Lexi.

— MESES?

— É um programa de 70 dias.

— Valia mais matares-me já.

Ele puxa-me para um abraço mas eu empurro-o. Maldito judas.

— Vais ficar bem, Lexi. Vou dizer ao pai que estás com a mãe. Ele não vai telefonar-lhe para confirmar, pois não? — Entra no *BMW*. — Põe-te melhor. Eu venho visitar-te.

Agarro-me à porta.

— Por favor... — Agora estou a chorar, e não é a fingir.

— Larga a porta, Lex. Isto é para o teu bem.

Ele fecha a porta, obrigando-me a soltá-la, e liga o motor.

— Não posso acreditar que me estás a fazer isto! — guincho, batendo com o punho na porta do carro que se afasta.

O Dr. Goldstein já está ao meu lado com um enfermeiro.

— Venha connosco, menina Volkov. Vamos mostrar-lhe a sua suite.

Ergo o olhar para a mansão. As janelas fitam-me, como olhos. Olhos julgadores, condescendentes.

Apanharam-me.

Desta vez, apanharam-me mesmo.

Pelo menos, o quarto é agradável. Estou no piso térreo — algo de que, em condições normais, reclamaria —, mas lembro-me de que não estou num hotel, embora pareça. Enquanto sou conduzida à minha suite, fico com uma ideia do Clarity Centre: carpetes felpudas num tom jade paliativo; orquídeas cremes em taças de aquário. Cheio de classe.

O Goldstein confia-me ao enfermeiro robusto. Após alguns corredores seriamente desorientadores — e eu devia estar acostumada a corredores —, este detém-se à porta do Quarto 11 e abre-a. Sem bagagem, arrasto os pés atrás dele e entro como se fosse a Órfã Annie.

— Este é o seu quarto — diz ele, simplesmente. — Avise-nos se precisar de alguma coisa. Há um botão de chamada ao lado da cama.

— Um pouco de *Vicodin*? — Ele é giro, mas bronco — ombros de este-róides e pescoço grosso, cabelos arruivados. Faça-lhe um sorriso ensaiado.

O enfermeiro força uma gargalhada polida. Como se nunca tivesse ouvido essa. O esquema cromático é o mesmo dos corredores — verde-mar e cinzento-claro. Tudo muito *feng shui*, sem dúvida. Até há uma taça decorativa, cheia de pedrinhas, num aparador junto da porta. Que putas básicas!

Se vir a merda de uma estátua do Buda, juro que mato alguém com ela. Cama enorme, com cabeceira de camurça; uma secretária e um sofá cubistas; portas de vidro para uma espécie de terraço... uma piscina exterior, coberta. Atrás desta, vejo água prateada, infundável e revolta. Vista para o mar, que sorte a minha.

— O Dr. Goldstein já cá vem, com os seus medicamentos.

— Como se chama?

— Sou o Marcus, menina Volkov.

— Olá, Marcus. — Sorrio-lhe outra vez docemente, inclinando a cabeça para um lado, como uma espécie de fantasia pornográfica infantil. Vale a pena ter os enfermeiros do meu lado. — Posso espreitar o terraço? — Quero planear possíveis rotas de fuga.

Ele abana a cabeça.

— Ainda não. Não enquanto estiver em desintoxicação. — Vira-se para sair. — Estou de serviço todo o dia. Chame, se precisar de alguma coisa.

Está profissionalmente desinteressado. Vai-se embora.

Que faço agora?

Isto é absurdo. Tinha uma manicura e pedicura marcadas para as duas, esta tarde.

Há um Pacote de Boas-Vindas do Clarity Centre encostado às garrafas de vidro de água mineral — uma lisa, outra com gás — em cima da secretária.

Fantástico. Ignoro-o.

Vou à casa de banho. Lavatório de mármore, chuveiro por cima de uma banheira enorme. Mais uma vez, podia ser muito pior. Acendo a luz e estremeço ao ver o meu reflexo no espelho. Não admira que o Nikolai se tivesse passado — parece que saí dos *The Walking Dead*. Ou esta luz é *muito pouco* lisonjeira, ou a minha pele está definitivamente esverdeada, cerosa e cadavérica. Merda. Pergunto-me se era droga marada. Os meus olhos estão injetados de sangue e parecem os de um guaxinim — manchados do *eyeliner* e do rímel da noite passada. O meu cabelo é um ninho de pássaro louro e oleoso.

Deve existir um deus, porque há uma escova de dentes embalada dentro de um copo, e dentífrico. Pego-lhe e tento tirar o celofane, mas as minhas mãos tremem loucamente. A ressaca está a bater. Merda.

Começa como a gripe, aquela febre nos ossos. Mas está prestes a tornar-se muito pior do que uma gripe.

Consigo lavar os dentes e decido que um duche talvez me ajude a sentir-me mais humana. Com um bocadinho de sorte, terei uma ressaca suave e fácil, como uma pena a flutuar na brisa. A água bate-me na cabeça e ponho-a o mais quente possível, esperando escaldar a dor sob a minha pele.

Não resulta. Assim que fecho a torneira, começo a tremer. Um frio profundo, por dentro dos ossos. Estou a chocalhar.

Seco-me antes de encontrar um pijama *Calvin Klein* no roupeiro. Não tenho escova de cabelo — penso em chamar o Marcus para me trazer uma, mas decido não o fazer —, e limpo o cabelo com a toalha o melhor que consigo antes de o pentear com os dedos.

Estou a fumar um cigarro (o Nik deixou-me o maço), de pernas cruzadas em cima da cama, quando batem à porta.

— Menina Volkov, é o Dr. Goldstein.

Deixo-o entrar.

— É Volkov ou Volkova?

— Só Volkov. — O meu nome, de facto, é Alexandria Volkova, mas nunca o usamos. Essa coisa do género dos nomes apenas confunde os ingleses, e é benéfico para mim e para a mãe termos o mesmo nome do pai.

— Como se sente?

— Uma merda. — Mudo para o sofá e sento-me, com as pernas para

trás. O duche não ajudou, tenho comichão em todo o lado. Há formigas a abrir um túnel mesmo por baixo da minha pele. Pior, começo a sentir náuseas, um sabor a leite azedo na língua.

O Goldstein puxa a cadeira da secretária. Vejo que traz um saco de farmácia e tenho de me esforçar muito para não lho arrancar das mãos.

— Primeiro, algumas perguntas. Quando foi a última vez que consumiu, Lexi?

*Consumiu* faz-me parecer uma *consumidora*. Reviro os olhos.

— Caramba, é isso que vamos fazer?

— A coisa mais importante, antes de podermos fazer qualquer trabalho *sério*, é desintoxicar-lhe o sistema. Enquanto houver drogas no seu organismo, não conseguirá pensar em mais nada.

Tento rir-me desdenhosamente, sem nunca deixar de pensar em drogas.

— Dr. Goldstein! Isto é um grande erro — digo, com o queixo empinado como se tivesse emborcado doze comprimidos. — *Não* sou viciada em heroína. Só uso um pouco de castanha para relaxar ao fim da noite, se tiver metido MDMA ou coca.

Ele não perde um segundo.

— Isso parece-lhe um comportamento normal para uma pessoa de 17 anos?

Encolho os ombros.

— Sim. Quer dizer, se estiver numa noitada, sim.

— Pois, Lexi, mas não é. Ouça. No Clarity Centre, trabalhamos num programa de *Dez Passos* especialmente adaptado...

Grande surpresa.

— E o primeiro passo, é admitir que tem um problema.

— Mas eu não tenho problema nenhum. Não sou propriamente uma drogada sem abrigo, a trocar broches por *crack* ou um bocado de haxixe, pois não? — Dói-me a coluna e mudo de posição no sofá, tentando pôr-me confortável.

— Quando foi a última vez que usou? — repete.

Suspiro. Se entrar no jogo, saio daqui mais depressa.

— A noite passada. Por volta da uma da manhã...

A Semana da Moda nada tem a ver com os desfiles — se bem que em alguns ainda valha a pena aparecer, e é sempre divertido ver as bloggers tentarem suplantar-se umas às outras no que diz respeito a vestidos loucos (Oooh, estás a usar um *Wendy*, que inovador, tão Semana da Moda!). Não, a Semana da Moda tem a ver com as festas.

A festa da Burdock & Rasputin foi no hotel de Shoreditch. Sabem que o meu pai é dono dos V Hotels? Pois.

Usei *Miu Miu* e umas botas *vintage*, *Jimmy Choo*, de pele falsa. Achei que era piroso usar *Burdock & Rasputin* na sua própria festa. Foi muito fixe. O Miguel, o nosso especialista em cocktails, criou um para acompanhar a coleção. Sabia a elixir bucal, mas de uma maneira agradável. Estava à pinha, obviamente.

Os convidados também eram de primeira categoria, nada daquele pessoal dos *reality shows* ou das bandas femininas: Chloe Sevigny, Rihanna, Lupita, Karlie e Gigi. Amo a Gigi, é uma querida.

Não sei como é que fiquei surpreendida, mas esqueci-me que a Nevada estava a fazer o estágio na B&R, e *claro* que também estava lá.

Embaraçoso. Quase colidimos na área de fumadores; não houve hipótese de nos evitarmos.

— Linda! — disse eu. Ou era isso, ou tinha de fingir ser a minha gémea até aí desconhecida.

— Lex! Estava a pensar se estarias aqui.

Bem, *duh* — o hotel é meu.

A Nevada é de Hong Kong e esteve sempre destinada a trabalhar em moda. Usava um turbante dourado sobre o carrapito geométrico, um grande *blazer* de homem por cima de um sutiã de lantejoulas e *jeans* desbotados, de cintura subida. Fumava *Djarum Blacks*. Extremamente altivo, não é? Seres o teu próprio projeto deve ser esgotante.

— Esqueci-me completamente que estavas na B&R! Como foi o desfile?

A música não era tão opressiva lá fora; não precisava de gritar para ser ouvida.

— Espetacular. E tu, como estás? Pareces... — Notei um momento de hesitação.

— Sim, estou ótima, linda. — Queria que a conversa acabasse.

— É melhor voltar para dentro. Tenho de tratar do *Insta* oficial. — Interrompeu-se e tocou-me o braço. — Devias voltar para a escola, Lexi. Aquilo não é o mesmo sem ti.

- Pois, *duh!* — Sorri.
- Sabes, ninguém te culpa—
- Eu sei — interrompi.
- Então, vais voltar?

Não podia dizer-lhe que não seria recebida de braços abertos em St. Agnes. As minhas amigas pensavam que eu tinha desistido.

- Não sei, talvez. Gosto de ser livre.
- Nesse caso, que vais fazer? Trabalhar?

*Que interrogatório vem a ser este?*

- Ainda não sei bem. Estou a tirar algum tempo para pensar nisso.

A Nevada foi a correr fazer um *hashtag*, ou lá o que era, e eu fiquei por ali um bocado. As festas da Semana da Moda esmorecem sempre por volta das dez, porque todos se mataram na noite anterior a preparar o desfile. O *after-party* mudou-se para um bar de tequila por baixo de um restaurante mexicano. Eu fui com alguns modelos, o próprio TT Burdock e um *hipster* idiota que se auto-intitulava Sylvester, a Câmara. Snifámos um bocado de coca no Uber. E mais um pouco de coca e *shots* de tequila no bar, que era *trashy cool* — lâmpadas de luz vermelha e crânios do Dia dos Mortos. Cheirava a *fajitas* de frango e *margaritas* com sal no rebordo do copo.

Toda a gente queria ir para casa — os modelos de olhos esbugalhados tinham provas cedo no dia seguinte — ou melhor, nesse dia —, mas eu estava agora a acordar. Juro que estive sempre destinada a ser noctívaga. Estar acordada durante as horas de luz dá-me a sensação de ter a cabeça cheia de lixívia. É antinatural e perverso. Arrasto-me para fora do meu caixão às dez da noite, como um vampiro.

Jurara não voltar a telefonar ao Kurt se ele não me ligasse primeiro. Não sei porque tenho de ser sempre eu a dar o primeiro passo. Mas quando o TT e o Sylvester anunciaram que para eles bastava, não havia hipótese de eu ir para casa tomar um cacau e a minha decisão voou pela janela. Telefonei-lhe.

- Olá, sou eu. — Só estas palavras, já pareciam carentes.
- Linda! Onde raio estás?
- Em Hoxton. No El Bandito.
- Oh, aquele sítio de tequila? É fixe.
- Onde estás?
- Camden.
- Que vais fazer? Posso ir contigo?

— Estou com o Baggy. — Assim chamado porque tem sempre um saquinho de qualquer coisa. — Estamos à espera do Steve. — O Dealer. Fiquei com pele de galinha. Odeio o Steve; é um tarado.

— Oh fixe. Vamos para a borga. Não estou cansada.

— Claro. Vem aqui ter. Tens dinheiro? Estamos a dever umas duzentas libras ao Steve.

— Que raio? Nem pensar.

— Não há nada de graça, linda.

— Adiante. Vou chamar um Uber.

O Mustafa chegou no seu *Prius* e levou-me a um bar de cocktails perto de Camden Lock, onde tocavam Guns N' Roses e Metallica, sem ironia. Estava cheio, sobretudo de *City Boys* de camisas abertas em encontros *Tinder* e grupos de amigas a aproveitar os dois *mojitos* pelo preço de um. O Kurt e o Baggy já lá estavam, num banco de vinil, acompanhados de uma boneca suicida, com lábios vermelho-rubi cheios de colagénio, franja à Betty Page e *eyeliner* líquido.

— Alô — disse eu, sentando-me ao lado do Kurt e odiando-me um bocadinho.

— Foi rápido. — Beijou-me nos lábios e passou-me um braço tatuado por cima do ombro. Aninhei-me nele.

— Lexi, esta é a Kitty Amour.

— Alô. — Ela já estava com uma moca desgraçada, encostada ao Baggy. Estendeu uma mão frouxa, com unhas vermelhas aguçadas, e eu apertei-a. Um dos conjuntos de pestanas falsas começava a descolar e ela parecia ter um olho desalinhado.

— Que estão a beber? — perguntei.

— *Daiquiris Hemingway* — explicou o Baggy. É um tipo engraçado. Não é convencionalmente atraente — de facto, parece-se bastante com um sapo —, mas tem sempre uma rapariga ao lado. Claro que o facto de o pai ser dono de um clube de futebol terá a sua influência. A Kitty Amour (aposto que o nome é mesmo verdadeiro) é a mais recente de uma longa lista.

— Fixe — digo. — A próxima rodada é por minha conta.

O Steve, o dealer, chegou quando eu voltava com as bebidas. Dei ao Kurt o dinheiro que lhe devíamos e os dois rapazes foram aos lavabos à vez: primeiro o Steve, depois o Kurt. O Steve passou pela nossa mesa com um piscar de olho antes de sair do bar. O Kurt voltou para a mesa um minuto depois.

— Ok, vamos acabar isto e sair daqui, está bem?

Ele estava inquieto — acho que precisava mesmo de uma dose. Eu ainda estava um pouco pedrada da coca no clube, por isso não sentia tanta necessidade. Além disso, tinha tomado um *Diazepam* no hotel, enquanto me arranjava.

De momento, o Kurt vivia no sofá de um amigo da família — um advogado qualquer e a sua noiva —, por isso apanhámos um Uber de volta ao hotel junto do rio, em Vauxhall. É aí que eu e o Nikolai vivemos a maior parte do tempo, porque é o maior. Temos um andar inteiro para nós quando o pai está fora. O que acontece quase sempre. Enquanto o Kurt, o Baggy e a Kitty (aquela lapa não arredava) esperavam na receção, ao lado da fonte, fui ao escritório e alojei-nos numa das suites da *penthouse*. Normalmente, há uma vazia e outra que está sempre reservada para o príncipe de Omã, ou lá quem é, que na maior parte do tempo está livre. Levei um cartão de entrada e subimos no elevador de vidro.

O nosso hotel é de primeira classe. Quer dizer, não é o género de coisa que se encontra no lastminute.com. A suite da *penthouse* tem uma vista de quilómetros sobre o Tamisa. Vê-se o Shard e o London Eye de um lado, e a Central Eléctrica de Battersea do outro. Abri as portas da varanda e as cortinas enfunaram. Não estava muito frio.

Liguei o telefone aos altifalantes Bluetooth — para dar ambiente.

Já estive em Nova Iorque, Los Angeles, Dubai, Hong Kong, Moscovo, Paris e Tóquio, mas Londres tem qualquer coisa. Tem sujidade debaixo das unhas, dentes podres e uma expressão permanente de puta em repouso. As pessoas, os clubes, a moda, o trânsito, o clima.

Londres está-se nas tintas, não tem juízo, e adoro-a.

Assim que chegámos ao quarto, o Kurt arregaçou uma manga de xadrez e atou o cinto em torno do bíceps. Eu estava bêbeda, dançando ao som da música. Acho que era The Weeknd, mas não tenho a certeza. Estava naquela fase da bebedeira em que julgamos ser dez vezes mais *sexy* do que realmente somos. Tirei as botas, balançando ao ritmo da música, levantando a bainha do vestido.

— Lex, estás-me a matar, miúda! — O Baggy simulou meter um punho na boca. — Que brasa, meu!

O Kurt apenas estava concentrado em encontrar uma veia, por isso continuei o meu espetáculo para o Baggy. Lancei o cabelo por cima da cabeça e chamei a Kitty com um dedo. Ela compreendeu o que eu queria e dançámos juntas, roçando as ancas. Procurei-lhe os lábios e beijámo-nos.



Os lábios das raparigas são tão subtilmente diferentes: mais cheios, mais macios.

Não sou lésbica, nem sequer *bi*, mas às vezes é giro brincar com miúdas sensuais, e os rapazes acham o máximo. Quando me separei da Kitty, o Bagggy estava a apertar as virilhas como se estivesse prestes a ter um orgasmo e um AVC.

Senti um cheiro reconfortante, familiar e avinagrado enquanto o Kurt fazia o caldo de heroína numa colher. É giro. Ele tem uma colher favorita. Leva-a para todo o lado. Chamo-lhe *Conchinha*. Mergulhou a seringa no líquido castanho a borbulhar e puxou o êmbolo com os dentes.

— Eh — protestei. — Primeiro eu.

Ele começou a refilar, até o recordar de quem, teoricamente, pagara aquilo. Fui instalar-me na *chaise longue* e reclinei-me, arqueando as costas.

— Estou parecida com a Cleópatra?

— Duvido que a Cleópatra fosse branca e loira — respondeu ele, irritadiço.

Inclinou-se por cima de mim e pegou-me no braço. Deu-me algumas palmadas no antebraço, para fazer saltar as veias. Não gosto muito de picar — prefiro fumar ou tomar um comprimido, mas assim ficamos pedrados dez vezes mais depressa. Podemos sentir a droga a correr-nos nas veias, como purpurina. A luz fluiu-nos para os dedos das mãos e dos pés. É quente e confortável. É ouro líquido.

— Eh — disse eu. — Diz que me amas.

Ele olhou-me nos olhos. Tem uns fantásticos olhos azul-acinzentados, e sobrancelhas negras, terrivelmente sérias.

— És uma chata do caraças — disse ele. — Mas amo-te.

Dei-lhe um beijo como deve ser. Ele sabia a *daiquiris*. Senti um arranhão forte quando a agulha deslizou na minha veia.

— Não quero muito — disse-lhe, já a senti-la nadar-me no braço.

Não consumo castanha tantas vezes que já não sinta a moca. Enquanto me banhava o corpo, sentia um formigueiro por todo o lado. Borbulhava como champagne. Olhei pelas enormes janelas e vi as luzes de Londres piscarem. Morangos com baunilha vistos do lado de dentro, apenas por um minuto. Todas aquelas luzes... pareciam pirilampos e pulsavam como um coração à minha volta.

Era como afundar-me num banho de espuma quente.

Era um abraço.

Era...

O Dr. Goldstein anota qualquer coisa no bloco.

— E foi então que desmaiou?

*Desmaiou é tão indigno, mas...*

— Acho que sim. Mas, como eu disse, deve ser culpa do Kurt. Eu disse que não queria muita. — Agora sinto-me mesmo enjoada. Como se fosse vomitar. Preciso de uma casa de banho.

— E, para ficar claro, nas últimas vinte e quatro horas consumiu *Diazepam*, cocaína e heroína?

Encolho os ombros. Estou a tremer, a ranger os dentes, e só vai piorar.

— Bem... sim. Ouça, quando põe as coisas nesses termos...

Ele escreve mais qualquer coisa e depois fecha a esferográfica.

— Muito bem, Lexi. Vou dizer-lhe o que faremos. Vou receitar-lhe *Suboxone* para a ajudar a desintoxicar dos opiáceos que tem tomado. É uma mistura de duas drogas — uma para substituir os opiáceos e a outra para ajudar com os efeitos secundários da abstinência.

Graças a Deus. Por um tenebroso momento, pensei que ia fazer tudo a frio. E estou contente por não ser metadona, porque isso é para os agarrados sem abrigo.

— OK. Durante quanto tempo tenho de tomar isso?

— A Etapa Detox dura, normalmente, quinze dias. Reduzimos diariamente a dose de *Suboxone*, para fazer o desmame. Não lhe vou mentir, Lexi — isto não vai ser agradável. Quando foi a última vez que passou um dia sem tomar um opiáceo... heroína, *Oxycontin*, *Vicodin* ou tramadol?

Honestamente, não sei. Já não penso nisso.

Não penso nisso desde que... adiante. Volto a encolher os ombros.

— Como se costuma dizer... sem esforço nada se consegue. Acredite quando lhe digo que vai custar, mas valerá a pena.

Estendo uma mão suada para os comprimidos e desdenho:

— Meu caro, já tive ressacas antes.

Estou a morrer.

Estou a morrer.

Não aguento.

Tirem-me daqui.

É melhor que me deixem morrer.

Retorço-me na cama. Estou tão quente. Estou a derreter. Estou molhada. Descolo o pijama da pele. Tento descolar também a pele, porque ESTOU DEMASIADO QUENTE.

Vou rebentar como uma salsicha. A minha pele vai fender e os meus órgãos inchados vão escorrer para fora, como enguias.

Dói-me tudo. Dói-me por dentro. Dói-me por fora. Os meus ossos estão calcificados, nodosos e rígidos, torcendo-me o corpo em formas hediondas. Sou uma gárgula embrulhada em lençóis salgados.

Os meus rins têm um batimento cardíaco próprio e latejante.

Há vidro nas minhas trompas, no meu mijo.

Tombo da cama e vomito na tapete. O vômito vem em rajadas até não restar nada e eu babar bÍlis da cor de um comprimido efervescente, tremendo violentamente, nauseada. Estou a virar-me do avesso, com a forma de um bumerangue. Não consigo respirar. Nem sequer dou pelos enfermeiros que entram no quarto e me arrancam do chão.

Tentam limpar-me a cara, mas pontapeio-os com as minhas pernas de elefante. Parecem obesas e inchadas.

— Larguem-me! — O toque deles magoa-me. Sou uma raparigato, tudo pica. Tento enrolar-me em posição fetal. — Preciso de mais comprimidos...

— Ainda não está na hora — diz-me gentilmente uma enfermeira negra, o seu rosto entrando e saindo do meu foco de visão. — De manhã, minha querida. Tem de suportar a noite assim. Posso dar-lhe ibuprofeno para as dores.

— Que se foda isso! — Desato a chorar. — Por favor... por favor...

— Tome, minha querida. Beba um pouco de água. — Encosta um copo aos meus lábios gretados, e o meu estômago devolve-a imediatamente.

Penso que é de manhã. Uma luz cinzenta sangra em torno das cortinas. Estou gelada, encasulada no edredão. Não me lembro se cheguei a dormir. Só me lembro da dor. Dói tanto. Parece que os meus ossos estão a tentar emergir da minha carne e desatar a fugir. O meu corpo não parece meu, dobrado num *pretzel* por mãos gigantes.

O enfermeiro Marcus chega com o pequeno-almoço e a minha medicação num tabuleiro.

— Bom dia. Deve comer alguma coisa, se conseguir, e também tem um bule de chá. Prometo que se sentirá melhor.

Há torradas, bolinhos e granola, mas a mera ideia de comida recorda-me do vômito.

Esforço-me por sair da cama e arrasto-me até à secretária como uma velha de 90 anos, artrítica e encurvada. Pego sofregamente no comprimido e engulo-o com sumo de laranja. Percebo que estou sozinha com o Marcus.

— Arranja-me outro? É óbvio que o Dr. Goldstein não receitou o suficiente... sinto-me péssima.

Ele acena compreensivamente.

— Os primeiros dois dias são os piores.

— Então, posso tomar outro?

— Não, pelo menos até à hora do almoço. — Verifica o mapa. — Sim, tomará outro às 13h00, menina Volkov.

Aproximo-me e ele recua.

— Marcus, por favor, chame-me Lexi. Eu não conto a ninguém. Será o nosso segredinho! — Tento parecer gira, mas não sei se consigo, com o pijama amarrotado e bafo de vômito.

— Desculpe, não posso alterar as prescrições. Não sou médico.

— Mas pode ir à farmácia, não pode? — Presumo que ele viva na ilha. Não deve ter muitas oportunidades. Aproximo-me mais. — Vá lá, Marky Mark... uma mão lava a outra... — Acaricio-lhe o bíceps protuberante.

Ele revira os olhos e recua para a porta.

— Repouse. Voltarei com o almoço.

— Como queiras, mariconço. — Atiro o copo de sumo de laranja à porta que se fecha. Na verdade, é de plástico e nem sequer amolga. A polpa escorre na madeira.

— Se não queres que parta a cara ao Kurt, fazes-me um broche.

— Desaparece, Steve.

— Não estou a brincar, Lexi. Ele deve-me uma pipa de massa.

Abano a cabeça. O apartamento do Steve, num edifício social alto que fica sobranceiro à Chelsea Bridge, mas do lado pobre do rio, tresanda a marijuana.

Isto foi no Natal passado. Um anjo triste e vacilante pendia do cimo de uma gasta árvore artificial. Os olhos de toupeira do Steve estavam vesgos, debruados a cor-de-rosa.

— Acabei de te pagar tudo o que ele devia.

O Steve sorriu, como um tubarão-branco, ao seu capanga gigante.

— Digamos, então, que são juro.

— Então pede ao Kurt que te faça o broche. — Seguro a minha *Alexa* diante do corpo, como se fosse um escudo.

— Isso faria de mim *gay*. Quero que sejas tu a fazê-lo.

— Steve, não te vou fazer um broche, podes esquecer.

— Nesse caso, o Kurt pode esquecer os dentes. — Fez um aceno ao capanga. O gigante avançou para a porta.

— Espera — disse eu.